

O Estudo de Narrativas Biográficas: possibilidades e implicações de uma Pesquisa Interdisciplinar ^{1 2}

Isabella Pichiguelli ³
Juliana Fernandes ⁴

Resumo: Neste trabalho, buscamos compreender quais as possibilidades e implicações de uma prática de pesquisa interdisciplinar na área de Comunicação, especificamente para o estudo de biografias. Para tanto, nos guiamos metodologicamente por uma revisão de literatura a partir de 22 produções, coletadas por meio de dois levantamentos do estado da questão no Google Acadêmico: em primeiro momento, buscamos pelos termos: “Comunicação” + “Interdisciplinar”; posteriormente, os termos buscados foram: “Biografias” + “Comunicação”. Como principal resultado, indicamos que é preciso que se produza um saber que pode ser advindo de outras áreas do conhecimento e até mesmo válido nessas esferas, mas que não se restrinja a tal procedimento, e sim aponte especificamente para o processo comunicacional que envolve o tema estudado, o que, porém, não significa um mero renomear de saberes já existentes em outras disciplinas.

Palavras-chave: Comunicação. Interdisciplinaridade. Biografias.

1 Introdução

Esse trabalho é fruto do diálogo entre duas pesquisadoras, uma mestranda e outra doutoranda, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC/Uniso), gerado a partir de proposições que tiveram lugar na disciplina “Temas Contemporâneos em Comunicação e Cultura”.

Os interesses de pesquisa que aqui se reúnem dizem respeito ao aspecto interdisciplinar do campo da Comunicação, uma vez que ambas pesquisadoras identificam a interface com outros campos do conhecimento em seus temas de investigação, a exemplo da biografia, do teatro e dos estudos de gênero (no projeto da mestranda), e da teologia e das ciências da religião (no projeto da doutoranda).

Neste trabalho, temos como objetivo geral discutir o estudo de narrativas biográficas, a partir das implicações e possibilidades que advêm da afirmação da Comunicação como campo interdisciplinar. Nossa hipótese é de que essa questão não foi

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas contemporâneas nas mídias do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

³ Doutoranda e mestra em Comunicação e Cultura (Uniso), isabellareisps@gmail.com.

⁴ Mestranda em Comunicação e Cultura (Uniso), julianasologo@gmail.com.

suficientemente discutida, mas que é relevante para uma prática de pesquisa mais substancial desse subcampo na área de Comunicação.

Na constituição de nosso problema de pesquisa, temos as seguintes perguntas, que pretendemos responder: a) O que significa dizer que a Comunicação é uma área interdisciplinar do conhecimento?; b) Quais são os desdobramentos necessários em uma pesquisa na área de Comunicação para que essa investigação seja considerada interdisciplinar?; c) De que forma as pesquisas em Comunicação que abordam a biografia têm conduzido suas investigações?; e d) As pesquisas que abordam a biografia podem ser caracterizadas como interdisciplinares?.

Para responder tais questionamentos, utilizamos como método uma revisão de literatura, guiada por um levantamento do estado da questão dividido em duas partes: em primeiro momento, realizamos um estado da arte acerca da relação entre a interdisciplinaridade e a área da Comunicação; posteriormente, fizemos um estado da arte sobre as pesquisas em Comunicação que abordam a biografia.

A partir das observações proporcionadas por essas duas etapas, apontamos como principal resultado que, em uma prática de pesquisa interdisciplinar, é preciso que se produza um saber que pode ser advindo de outras áreas do conhecimento e até válido nesses campos, mas que não se restrinja a tal procedimento, pois é necessário indicar especificamente o processo comunicacional que envolve o tema estudado, o que, porém, não significa um mero renomear de saberes já existentes em outras disciplinas.

2 Comunicação e interdisciplinaridade: implicações

Para o levantamento do estado da questão relacionado à interdisciplinaridade na área da Comunicação, utilizamos como plataforma o Google Acadêmico, em busca realizada no dia 6 de maio de 2021, a partir dos seguintes termos, lançados em conjunto dessa maneira: “Comunicação”+“Interdisciplinar”.

Pelo motivo de uma percepção prévia de que essa discussão tem sido ultimamente tratada, por pesquisadores do campo, de certa forma, como “resolvida”, consideramos necessário guiar a busca no Google Acadêmico em primeiro momento sem delimitação de tempo, optando pela classificação de resultados Por Relevância. Posteriormente, restringimos a pesquisa ao período entre os anos de 2016 e 2021, a fim de verificar publicações mais recentes.

Como critérios para a seleção das produções, buscamos por: teses ou artigos publicados em revistas, livros ou anais de congressos em âmbito nacional na área de Comunicação; trabalhos que anunciam o tema – no título ou no resumo – da Interdisciplinaridade na área da Comunicação como problema a ser discutido.

Dentro desses critérios, excluímos: resultados que retornaram discussões sobre experiências com revistas científicas de caráter interdisciplinar que abarcam a área da Comunicação; resultados que discutem experiências de interdisciplinaridade no ensino de disciplinas em cursos de graduação da área de Comunicação. Consideramos, ainda, as buscas finalizadas a partir da quinta página de resultados do Google Acadêmico sem retorno de produções que interessam à pesquisa.

A partir desse escopo, encontramos 20 trabalhos que tratam do tema da interdisciplinaridade na área da Comunicação: o mais antigo deles, publicado em 1986; e o mais recente, publicado em 2018. Entretanto, após a leitura das obras, excluímos do corpus um artigo por constarmos ser duplicado (ou seja, encontramos a mesma produção publicada em dois periódicos diferentes). Dessa maneira, consideramos para o estado da questão apenas um deles. Trabalhamos, pois, com um total de 19 artigos.

Dos critérios que delimitamos para essa pesquisa, a única exceção que fizemos foi a um artigo encontrado na Revista *Religião e Sociedade*, por tratar-se de produção que, ainda que não publicada em periódico da área de Comunicação, traz discussão dessa área do conhecimento, o que se verifica tanto pelo título do trabalho quanto por ser assinada por Jeremy Stolow, professor do Departamento de Estudos da Comunicação da Universidade de Concordia, no Canadá.

Em primeiro momento, observamos que as publicações encontradas podem ser divididas entre duas modalidades. De um lado, estão aquelas que desenvolvem suas discussões a partir do problema da Comunicação como área interdisciplinar do saber (ALVES, 1999; BARROS, 2002; BOAVENTURA, 2014; BRAGA, 2004, 2011, 2016; CALHOUN, 2012; CARVALHO, 2018; FRANÇA, 2001; LOPES, 2000; MARTINO, L. M., 2008, 2012; MARTINO, L. C., 2005; MESQUITA, 1986).

De outro lado, estão as produções que elaboram suas questões a partir da interface da Comunicação com alguma outra área do conhecimento, de interesse da pesquisadora ou do pesquisador em cada caso (AMPHILO, 2011; ARAÚJO, 2011; PESSONI, 2006; PRIOR; GUAZINA; ARAÚJO, 2016; STOLOW, 2014).

Em segundo momento, exploramos essas 20 produções, com foco em buscar responder as duas primeiras perguntas de nosso problema de pesquisa: a) O que significa dizer que a Comunicação é uma área interdisciplinar do conhecimento?; b) Quais são os desdobramentos necessários em uma pesquisa na área de Comunicação para que essa investigação seja considerada interdisciplinar?

Faremos uma breve exposição, organizada cronologicamente, da produção mais antiga à publicação mais recente (exceto quando aparecerem obras de uma mesma autoria), acerca de como essas questões aparecem em cada uma das obras, a partir das noções que elas apresentam acerca da interdisciplinaridade, para que seja possível, posteriormente, tecer relações e/ou identificar divergências entre os postulados defendidos em cada um dos trabalhos.

Para Vianney Mesquita (1986, p. 92), são flagrantes “as relações da comunicação com diversas disciplinas do elenco das ciências”, a exemplo da História, da Geografia, da Psicologia, da Estética, da Linguística, entre outras, além do fato de que “toda a grade conceitual da comunicação é montada sobre a terminologia das ciências sociais” (ibidem). Mas ainda antes de tais apontamentos, o autor indica que há, nessas relações, a “necessidade de se conceber, não sem perigo de erro, um universo vocabular próprio para cada saber” (MESQUITA, 1986, p. 88).

Essa idiossincrasia do campo da Comunicação – a apropriação de conhecimentos e métodos advindos de diferentes áreas para a constituição de seu próprio saber – aparece em diversos trabalhos. A interdisciplinaridade é concebida, por exemplo, no artigo de Aníbal Alves (1999, p. 14), como “humilde prática científica que procura e aceita ferramentas conceituais de diferentes disciplinas, desde que se mostrem adequadas para tratar questões específicas, abordadas, por isso mesmo, num quadro próprio”.

Para Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2000), a interdisciplinaridade serve à proteção das disciplinas existentes de forma separada, pois ao se afirmar que o conhecimento alheio “é pertinente e significativo, para a resolução dos problemas intelectuais sobre os quais está trabalhando, tende a reafirmar e não a baralhar os dois conhecimentos” (LOPES, 2000, p. 49). Por isso, a autora apresenta outros dois termos: a transdisciplinarização e pós-disciplinarização, caracterizados por “um movimento para a superação dos limites entre especialidades fechadas e hierarquizadas” (LOPES, 2000, p. 50).

Já para Vera Veiga França (2001), pouco importa o uso dos termos – interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade – mas sim observar se os estudos dos fenômenos comunicativos têm sido capazes de produzir um olhar especializado, inclusive de modo a transformar os diversos saberes, ou seja, “se há um deslocamento, se o instrumental teórico-metodológico das várias disciplinas se veem modificados pelo objeto e pelas interseções estabelecidas” (FRANÇA, 2001, p. 7).

A Comunicação é vista, no artigo de Antonio Barros (2002, p. 4), “tanto como objeto de estudo como quanto campo profícuo de práticas profissionais” e é por isso que é interdisciplinar, por ser um “campo de produção de discursos que interagem com os diversos campos sociais, em especial com o campo científico, dado a importância crescente do jornalismo voltado para a divulgação científica” (BARROS, 2002, p. 2).

Entre as publicações de José Luiz Braga (2004, 2011, 2016), encontramos em comum a ponderação que se expressa na pergunta: na interface com outras áreas de conhecimento, o que há de comunicacional com esses estudos? Isso porque, para o autor, “uma área de conhecimento mais estabelecida – fornece teorias e perspectivas necessárias, mas arrisca também absorver a atenção do pesquisador, por suas teorias e objetos mais tradicionalmente delineados” (BRAGA, 2011, p. 64).

Quanto à noção de interdisciplinaridade apresentada no trabalho de Arquimedes Pessoni (2006), que parte da interface entre as áreas da Comunicação e da Saúde, percebemos que se aproxima das ideias apresentadas por Lopes (2000) sobre transdisciplinaridade, pois o autor afirma que “os conceitos das disciplinas envolvidas em um estudo devem ser integrados de modo a contribuir com o conhecimento a respeito de todas disciplinas envolvidas” (PESSONI, 2006, p. 43).

No artigo de Luiz Claudio Martino (2005), não encontramos a defesa de uma concepção de interdisciplinaridade, mas a problematização crítica de dois sentidos do termo: a acepção que indica a interação da prática comunicacional com diversas disciplinas; e a noção que aponta para uma anti-epistemologia, pois compreende que a Comunicação, em suas relações com outras áreas do conhecimento, supera as formas tradicionais de saber: “seu principal motor é a negação mesma da ciência ou de alguma de suas características básicas (racionalidade, sistematização, disciplinaridade...)” (MARTINO, L. C., 2005, p. 12).

Já nas obras de Luís Mauro Sá Martino (2008, 2012), identificamos ponderações a determinadas aplicações interdisciplinares, como, por exemplo, “o risco de usar métodos/autores/conceitos conflitantes. [...] nem sempre o que é válido em um campo do saber é válido em outro” (MARTINO, L. M., 2008, p. 115-116). Para o autor, o desafio “está na articulação desses conteúdos com a experiência cotidiana, transformada em uma prática significativa nos estudos de comunicação” (MARTINO, L. M., 2012, p. 27).

No trabalho de Maria Isabel Amphilo (2011), a interdisciplinaridade aparece como característica da Folkcomunicação, como condição prévia para a produção de um saber sobre processos de comunicação: “é preciso compreender os processos históricos pelos quais passaram determinados fenômenos, para depois, então, averiguar as relações estabelecidas e os processos comunicacionais, dependendo da meta do pesquisador” (AMPHILO, 2011, p. 7).

À semelhança de Pessoni (2006), o trabalho de Carolina Araújo (2011) também parte das relações entre as áreas da Comunicação e da Saúde e tem conceito similar de interdisciplinaridade, pois alude a uma integração dos saberes colocados em diálogo. Para a autora, entretanto, o desafio que se coloca é o de lutas simbólicas na construção dos conhecimentos em pauta, e, portanto, “o termo mediação parece fazer mais sentido” (ARAÚJO, 2011, p. 53).

A integração dos saberes também desponta como desafio a quem pesquisa de modo interdisciplinar no artigo Craig Calhoun (2012), pois o autor defende que é necessário ter a “capacidade de trabalhar com outras pessoas que têm maior conhecimento em outras especialidades, e ao mesmo tempo, saber como apresentar um conhecimento próprio, efetivamente, de uso coletivo” (CALHOUN, 2012, p. 300).

Na tese de Katrine Boaventura (2014), encontramos uma extensa discussão crítica a respeito das noções sobre interdisciplinaridade correntes. Apesar da autora não defender o uso de nenhum termo, compreende como próprio de cada disciplina do saber a apropriação de ferramentas e aportes teórico-conceituais de diferentes áreas para a construção de um conhecimento específico: “Elas se constituem em busca desse ângulo de análise em que possam contribuir para uma determinada investigação com uma perspectiva diferenciada” (BOAVENTURA, 2014, p. 266).

No artigo de Jeremy Stolow (2014), a interdisciplinaridade aparece como atributo dos estudos sobre “religião e mídia”. A noção usada pelo autor aponta que a integração

de saberes pode ultrapassar até mesmo os limites de suas áreas, de modo a contribuir com a comunidade científica em maior escala. Para Stolow (2014, p. 155), “os estudos de “religião e mídia” têm o potencial de trazer importantes contribuições filosóficas, bem como metodológicas, para as ciências humanas e sociais como um todo”.

O trabalho de Hélder Prior, Liziane Guazina e Bruno Araújo (2016) indica que a interdisciplinaridade é meio para a produção de um conhecimento específico em cada campo do saber. Desse modo, na interface entre Comunicação e Política, por exemplo, “os estudos oriundos do campo da comunicação enfatizam as estratégias e as técnicas de comunicação da esfera política, a influência dos emissores e a resposta pública dos receptores de conteúdos simbólicos” (PRIOR; GUAZINA; ARAÚJO, 2016, p. 23-24).

Por fim, a concepção de Guilherme Carvalho (2018) sobre interdisciplinaridade pode ser relacionada àquelas que mencionam uma integração científica, uma vez que, para o autor, promove-se a difusão de “saberes que se complementam e promovem revoluções em ambientes acadêmicos e organizacionais. As trocas de experiências, de conceitos e de fundamentos são importantes para a dinâmica de conhecimentos” (CARVALHO, 2018, p. 135).

Desponta como consenso, entre as obras observadas, o fato de que a Comunicação lança mão de diversos aportes teóricos-conceituais de outros campos do conhecimento para a constituição de seu saber. Ponderamos aqui, de antemão, que se essa característica já é suficiente para que exista interdisciplinaridade nessa área de pesquisa, como apontado em alguns trabalhos que lemos, resta a inferência de que a interdisciplinaridade não é uma opção de pesquisa no campo da Comunicação, mas sim uma condição de sua própria existência.

Encontramos trabalhos, porém, que após descreverem essa característica que constitui o campo da Comunicação, desdobram outras discussões e noções sobre a interdisciplinaridade. Podemos afirmar que as publicações exploradas dividem-se da seguinte maneira: a) concepção da interdisciplinaridade como o diálogo outras áreas do conhecimento para chegar a um olhar específico para os fenômenos comunicacionais - aquelas que ficam no plano do consenso (63%); b) noção de interdisciplinaridade como integração e transformação dos saberes colocados em diálogo, a partir das contribuições dos olhares específicos de cada campo do conhecimento (27%); c) crítica às noções correntes de interdisciplinaridade (5%); e d) interação com diversos campos do saber na

sociedade – aquela que destoa do consenso por não considerar a Comunicação uma área de saber científico, mas uma prática profissional (5%).

Com esse quadro de referências, passamos agora à segunda etapa proposta neste trabalho, que se refere à observação de estudos que abordam a biografia no campo da Comunicação, para que, posteriormente, possamos fazer nossas considerações tanto em relação ao que optamos por compreender sobre a prática de pesquisa interdisciplinar, quanto às suas possibilidades no recorte específico da biografia.

3 A biografia na área da Comunicação

Para o levantamento do estado da questão acerca do modo como a biografia é abordada na área de Comunicação, fizemos uma busca no Google Acadêmico e no Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES, no dia 12 de maio de 2021, usando os seguintes termos: “Biografias” + “Comunicação”.

Usamos como critérios para seleção das pesquisas usadas nesse artigo: teses ou artigos publicados em revistas, livros ou anais de congressos em âmbito nacional na área de Comunicação; trabalhos que anunciam o tema – no título ou no resumo – da Biografia na área da Comunicação como problema a ser discutido; pesquisas publicadas entre de 2013 a 2021, priorizando pesquisas mais recentes sobre o tema Biografia.

Dentro desses critérios, excluimos: resultados que retornam discussão sobre a Biografia como objeto de estudo de outras áreas do conhecimento, que não são especificamente da área de Comunicação. Consideramos o fim da busca a partir da quarta página de resultados do Google Acadêmico sem retorno de produções que interessam à pesquisa aqui delimitada.

A partir desse escopo, encontramos 3 trabalhos que tratam do tema Biografia na área da Comunicação: uma dissertação e dois artigos publicados em periódicos científicos, assinados por pessoas doutoras em Comunicação. Apesar da delimitação de um período de sete anos para a busca de obras, tais publicações concentram-se na sequência de apenas dois anos: o mais antigo deles publicado em 2013 e o mais recente publicado em julho de 2014.

Em primeiro momento, observamos que as três pesquisas discutem o assunto da biografia na área da Comunicação de modos diferentes, a saber: o uso de material

midiático em biografias; a biografia como método, usada para inserção midiática; um tipo de biografia caracterizada como comunicacional.

Em segundo momento, exploramos essas produções, com foco em buscar responder de modo mais preciso as duas últimas perguntas de nosso problema de pesquisa: c) De que forma as pesquisas em Comunicação que abordam a biografia têm conduzido suas investigações?; e d) As pesquisas que abordam a biografia podem ser caracterizadas como interdisciplinares?

Faremos uma breve exposição, organizada cronologicamente, da produção mais antiga à publicação mais recente, acerca de como essas questões aparecem em cada uma das obras, a partir das noções que elas apresentam acerca da biografia, para que seja possível, posteriormente, tecer relações e/ou identificar divergências entre as maneiras de produção do conhecimento a respeito da biografia na área de Comunicação. Procuramos também observar como se constrói a narrativa biográfica.

A primeira pesquisa é de Bruna Raquel de Oliveira e Santos. Trata-se de uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) em 2013, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, tendo como orientador o Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck, intitulada Limites e possibilidades da biografia: um estudo dos relatos biográficos sobre o cantor Wilson Simonal.

Santos (2013) desenvolve sua dissertação em torno de narrativas biográficas sobre pessoas públicas vinculadas pela mídia. Em específico, a autora analisa duas biografias sobre o cantor Wilson Simonal: Não Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal, de Ricardo Alexandre; e Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical, de Gustavo Alonso.

O trabalho busca compreender de que modo os biógrafos se apropriam de acontecimentos jornalísticos veiculados pela mídia para a construção de suas narrativas biográficas. Santos (2013), analisando a Comunicação Social, considera o modo como a biografia pode destacar um indivíduo em uma sociedade, ao enumerar seus feitos “públicos” e como estes contribuem de alguma forma para a construção da sociedade em que esse indivíduo está inserido.

Como um de seus objetos de estudo, a autora da dissertação usou a biografia de Gustavo Alonso sobre o cantor brasileiro Wilson Simonal – Quem não tem swing morre

com a boca cheia de formiga. É possível observar na obra de Gustavo Alonso, segundo Santos (2013, p. 36), que “o objetivo é recontar uma história da música brasileira que alguns não quiseram na memória”.

Ainda na dissertação de Santos (2013), podemos encontrar estudos sobre a memória e como esta é relevante para o desenvolvimento de uma biografia, o que se pode observar a partir da seguinte afirmação: “Neste estudo faz-se uma reflexão sobre a relação entre tempo e narrativa, memória e esquecimento” (SANTOS, 2013, p. 27).

A importância da memória no processo da narrativa biográfica pode ser compreendida na dissertação pelo seguinte pensamento: “o biógrafo precisa deixar claro quais são seus interesses e o que o levou a pesquisar e escrever sobre a vida de alguém sinalizando os caminhos percorridos e as escolhas feitas” (SANTOS, 2013, p. 33).

Ao estudar biografias de pessoas públicas, a autora tem como uma de suas referências o sociólogo Maurice Halbwachs, que discorre sobre a memória individual e coletiva. Para o sociólogo, uma memória (individual ou coletiva) só pode existir se a outra também existir.

Em relação à memória coletiva, com base em Halbwachs, Santos (2013, p. 48) afirma que “o convívio entre os membros de uma comunidade é essencial para que as recordações sejam atualizadas permitindo assim que o grupo se identifique como tal e evite seu desaparecimento”.

E a respeito da memória individual, há uma citação direta para sua explicação: “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51 *apud* SANTOS, 2013, p. 49).

A seguir, temos o artigo de Monica Martinez, que é docente e pesquisadora do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e tem pós-doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), além de estágio pós-doutoral pela Universidade do Texas (UT). O artigo está intitulado como Do letramento digital à biografia humana: os desafios e as oportunidades de comunicação com os maiores de 60 anos.

Martinez (2014) busca analisar como a biografia humana, apresentada como um método já estudado na área da Comunicação, pode inserir a população idosa brasileira no campo midiático, especialmente no ambiente digital. Compreendendo sua pesquisa, podemos considerar que a biografia humana pode funcionar como instrumento para um possível pertencimento social.

Martinez (2014) apresenta em seu artigo que cada ser humano tem sua própria narrativa, construída a partir das vivências de cada um. A luta pelo reconhecimento do idoso (e de suas narrativas de vida) na sociedade pode ser defendida pela seguinte citação, da psicóloga Ecléa Bosi, presente no artigo:

É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (BOSI, 1994, p. 81 *apud* MARTINEZ, 2014, p. 187).

Podemos compreender a biografia humana como um recurso comunicacional ao levarmos em consideração o pensamento do teórico alemão Harry Pross, citado no artigo para afirmar que a comunicação começa e termina no corpo. A autora esclarece que os “vínculos comunicacionais, sejam eles permeados pelos aparatos tecnológicos ou não, demandam um trabalho em longo prazo, consistente e coerente, por meio do qual o grupo de maior de 60 anos estabeleça laços de confiança” (MARTINEZ, 2014, p. 186).

O artigo tem ainda como uma de suas referências uma médica, para poder elucidar como a biografia humana pode ser útil para um mapeamento das condições clínicas dos pacientes, no momento em que a questão da identidade se faz presente: “Outra proposta de comunicação compreensiva é a biografia humana, introduzida no país, em 1976, pela médica brasileira Gudrun Burkhard” (MARTINEZ, 2014, p. 184). Segundo Martinez (2014), esse método integra a medicina antroposófica, que é uma especialidade que se desdobra dos estudos de Rudolf Steiner, um filósofo austríaco.

A respeito da biografia humana podemos compreender, de acordo com Burkhard (2000, p. 20 *apud* MARTINEZ, 2014, p. 186), que esse método “permite discernir o que é próprio da idade e o que é só seu, bem individual, assim como o que é repetitivo também é importante para o autoconhecimento”.

Podemos considerar, após o estudo deste artigo, que a preocupação de Martinez (2014) gira em torno da importância de encorajar a comunicação com os maiores de 60 anos. “Isso ocorre ainda que alguns métodos, como o da biografia humana, permitam a possibilidade de uma abordagem compreensiva dessa realidade, se bem que jamais explicativa ou conclusiva” (MARTINEZ, 2014, p. 186).

A próxima e última pesquisa explorada é o artigo intitulado A biografia do ponto de vista comunicacional, de Igor Sacramento, que é doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor do livro Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970. Atualmente, realiza pós-doutorado na UFRJ com bolsa da Capes com o projeto de pesquisa intitulado “História da Mídia e Itinerância das Imagens”.

Sacramento (2014) discorre a partir da biografia comunicacional, que leva em consideração trajetórias tanto individuais quanto coletivas. Como principal exemplo, o autor enfatiza sua própria tese, sobre a trajetória artístico-intelectual de Dias Gomes. Segundo o autor, uma biografia comunicacional não tem o indivíduo que está sendo destacado como protagonista da narrativa, mas sim suas experiências socioculturais na formação de uma figura pública.

A biografia comunicacional é compreendida pelo autor como afastada radicalmente da biografia substancialista que tem como foco a análise da essência pessoal. Podemos compreender em seu artigo que

[...] para essa análise, foi cunhado, desenvolvido e aplicado o conceito-método de biografia comunicacional, a partir do qual, no lugar de centrar a narrativa nas ações ou nos trabalhos de um protagonista, o foco recai sobre as práticas e as mediações socioculturais envolvidas nos processos de produção, circulação e consumo de textos, que, ao se associarem a um indivíduo, constituem a vida a que se referem e pela qual existem (SACRAMENTO, 2014, p. 154).

O autor ainda enfatiza que “a análise biográfica na perspectiva comunicacional aqui apresentada considera a constituição da vida como parte do dialogismo que identifica e diferencia os indivíduos” (SACRAMENTO, 2014, p. 171).

A Comunicação, como área de estudo, pode ser compreendida no artigo de Sacramento (2014, p. 155) como “conjunto de problematizações sobre a vida social que está centrado na vinculação entre o eu e o outro, isto é, na apreensão do ser-em-comum

(individual ou coletivo)”. Essas problematizações envolvem tensões comunitárias, transformações na realidade sociocultural, entre outras dinâmicas que ultrapassam a esfera midiática compreendida em seu aspecto tecnológico.

A Comunicação seria, portanto, um estudo “que está centrado na vinculação entre o eu e o outro, isto é, na apreensão do ser-em-comum” (SACRAMENTO, 2014, p. 155). Ao referir-se à biografia comunicacional, por exemplo, o pesquisador aponta para a importância do biógrafo considerar as interações que o indivíduo teve em sua existência como uma forma de construir o eu.

Sacramento (2014) faz uma ligação da Comunicação com a História ao citar autores como o historiador Roger Chartier, por exemplo, para afirmar que não somente a história pessoal do indivíduo é importante no processo de escrita de uma biografia comunicacional, mas também o momento histórico no qual este indivíduo está inserido.

Um dos pensamentos baseados nas obras do historiador, em relação a essa questão do lugar e do momento, é o seguinte: “Assim, pode-se observar como, em diferentes lugares e momentos, determinadas práticas, representações e apropriações sociais vão sendo construídas e dadas a ler” (SACRAMENTO, 2014, p. 158).

O autor também trabalha com a questão da identidade em seu artigo, a partir das considerações do sociólogo e historiador Michael Pollak. Sacramento (2014) lança mão de argumentos desse pesquisador sobre as questões identitárias para, então, situá-las como processo comunicacional: “a identidade não está relacionada com o que se é, mas com o que se torna e com o modo como as representações do eu pelos outros o afeta. É justamente por isso que as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos” (SACRAMENTO, 2014, p. 162).

Finalizando esse quadro de referências, passamos para as Considerações Finais acerca dos estudos de Comunicação, Interdisciplinaridade e Biografias.

4 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender quais são as possibilidades e implicações de uma prática de pesquisa interdisciplinar na área de Comunicação, especificamente em trabalhos que abordam o tema das narrativas biográficas nesse campo do conhecimento.

Para que fosse possível responder ao questionamento proposto, realizamos uma revisão de literatura a partir de dois levantamentos do estado da questão: o primeiro

referente à interdisciplinaridade na Comunicação, e o segundo relativo a biografias nessa área de pesquisa.

Ao final desse percurso, chegamos à compreensão de que a interdisciplinaridade é compreendida majoritariamente, na área de Comunicação, como condição *sine qua non* deste campo do conhecimento, ou seja, não é uma escolha de quem empreende a pesquisa, senão uma idiosincrasia dessa área de estudos. Essa característica da Comunicação se dá por tomar de empréstimo, desde sua constituição, ferramentas metodológicas e teórico-conceituais de diversas disciplinas do saber.

Apesar dessa compreensão predominante, entendemos que algumas ponderações, encontradas em artigos que tratam do tema, são pertinentes para que a ideia de prática interdisciplinar não caia em um vazio semântico, ou seja, em termo que apenas adorna com tons de pompa uma pesquisa, mas que não gera conteúdo que expresse de fato uma construção de conhecimento que permeie diversas áreas do conhecimento, considerando que o prefixo *inter* tem o significado de *entre*.

Dos argumentos apresentados ao longo dessa pesquisa, consideramos que: não é necessário chegar a uma efetiva integração e transformação dos saberes colocados em diálogo em um trabalho interdisciplinar, como defendem alguns trabalhos que lemos; entretanto, tal integração e transformação é desejável, no mínimo, em potencial.

Tal consideração implica que, a uma pesquisa que se denomine interdisciplinar, não basta replicar conhecimentos já produzidos em outras áreas do conhecimento, dando nova roupagem a eles, inventando novos termos para situar algum saber na área de Comunicação, pois tal processo apenas aparentemente responde ao requisito que se expressa na pergunta: o que há de especificamente comunicacional no objeto estudado?

É necessário, pois, que esse questionamento seja respondido em uma pesquisa no em Comunicação, o que não significa, por outro lado, que não se possam (re)produzir argumentos próprios e/ou válidos em outras áreas do saber, uma vez que é justamente essa combinação (da especificidade e da exterioridade) que dará a potencialidade da integração e da transformação dos saberes em diálogo.

Chegamos a tal entendimento, entretanto, não somente a partir das considerações encontradas nas pesquisas que discutem o tema da interdisciplinaridade no campo da Comunicação, mas também pelas observações proporcionadas pela exploração dos trabalhos que abordam, neste campo do conhecimento, o estudo de narrativas biográficas.

Sobre esse tema, compreendemos que não é o suficiente, em uma pesquisa na área da Comunicação que se pretenda interdisciplinar, que a biografia seja objeto de estudo. Tampouco basta que exista uma relação da biografia (que pode ser estudada por outras áreas do saber) com a esfera midiática (na acepção tecnológica), pois conforme vimos, o processo comunicacional não se restringe a tal esfera e, portanto, não é ela que institui a disciplina da Comunicação, em um *entre* com um tema que a ultrapassa: a biografia.

Desse modo, para que a biografia seja estudada de modo interdisciplinar na área de Comunicação, é preciso que se produza um saber que, apesar de poder lançar mão de ferramentas metodológicas e teóricos-conceituais de outros campos do conhecimento, além de produzir argumentações válidas em / para tais disciplinas, aponte para a especificidade do processo comunicacional que envolve o tema estudado, sem que isso incorra em mero renomear de saberes já existentes em outras áreas de pesquisa.

Referências

ALVES, Aníbal. Ciências da Comunicação, área interdisciplinar. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 12, n. 1, p. 5-18, 1999.

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2011.

ARAÚJO, Carolina Pires. Informação, Comunicação e Saúde: campo interdisciplinar em construção. **Informação & Comunicação**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 45-59, jan./jul. 2011.

BARROS, Antonio Teixeira. A Natureza Interdisciplinar da Comunicação e o Novo Cenário da Produção de Conhecimento. **Ciberlegenda**, Niterói, v. 9, n. 3, p. 1-15, 2002.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski. **A Comunicação e a Perspectiva Interdisciplinar: um mapa de definições, usos e sentidos do termo**. 2014. 284 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, janeiro-abril 2011.

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Contracampo**, Niterói, v. 1, n. 10-11, p. 219-236, 2004.

BRAGA, José Luiz. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 123-142.

CALHOUN, Craig. Comunicação como Ciência Social (e mais). **Revista Intercom**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 277-310, jan./jul. 2012.

CARVALHO, Guilherme Moreira de. A Comunicação sob um olhar interdisciplinar. *In*: DRAVET, Florence; MELO, Dealessandro (Org.). **Reflexões sobre método e metodologias em comunicação**: uma experiência colaborativa de formação. 1. ed. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2018. p. 135-144.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, Niterói, v. 1, n. 5, p. 1-19, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O Campo Acadêmico da Comunicação no Brasil: Diálogo Interdisciplinar no Ensino e na Pesquisa. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 14, n. 1-2, p. 41-55, 2000.

MARTINEZ, Monica. Do letramento digital à biografia humana: os desafios e as oportunidades de comunicação com os maiores de 60 anos. **RuMoRes**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 171-190, jan./jun. 2014.

MARTINO, Luiz Claudio. Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14., 2005, Niterói, RJ. Anais [...]. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2005.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A disciplina interdisciplinar: ambivalências epistemológicas no ensino de Teoria(s) da Comunicação. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 17-28, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 111-117, 2008.

MESQUITA, Vianney. Comunicação e Conhecimento Interdisciplinar. **Revista Comunicação Social**, Fortaleza, v. 16, n. 1-2, p. 87-93, jan./dez. 1986.

PESSONI, Arquimedes. Comunicação para a saúde na América Latina: território de pesquisa interdisciplinar. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 7, n. 12, p. 39-49, jan./jun. 2006.

PRIOR, Hélder; GUAZINA, Liziane; ARAÚJO, Bruno. Comunicação e Política no Espaço Público Lusófono. *In*: PRIOR, Hélder; GUAZINA, Liziane; ARAÚJO, Bruno (Org.). **Diálogos Lusófonos em Comunicação e Política**. 1. ed. Covilhã: LabCom.IFP, 2016. p. 21-42.

SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 2, jul/dez, p. 153-173, 2014.

SANTOS, Bruna Raquel de Oliveira e. **Limites e possibilidades da biografia**: um estudo dos relatos biográficos sobre o cantor Wilson Simonal. 2013. 121 f. Dissertação

(Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

STOLOW, Jeremy. Religião e mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 146-160, 2014.